



## A PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA POLÍTICA: ENTREVISTA COM CRISTINA GONÇALVES<sup>1</sup>

Felipe Bruno Martins Fernandes\*

Bárbara Silva da Fonseca\*\*

Shirlei Santos de Jesus Silva\*\*\*

\* Docente do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (UFBA).

\*\* Graduanda do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA e Bolsista Permanecer (UFBA) no projeto “Manifestações de Sexualidade e Religião nas Eleições 2016: Observatório Feminista da Política”.

\*\*\* Graduanda em Biologia (UFBA) e Bolsista de Extensão (UFBA) no projeto “Discutindo Gênero, Sexualidade, Raça e Religião com comunidades de Salvador/BA”.



Foto: Felipe Bruno Martins Fernandes



Esta fotografia foi captada na residência de Cristina Gonçalves. Um grupo de onze pessoas, a maioria assessores e apoiadores, está atrás de uma mesa de jantar. Cristina Gonçalves, de camisa preta, sorri abraçada com dois de seus assessores. Na fotografia, de autoria de Felipe Fernandes, se encontram as duas entrevistadoras, Bárbara Souza e Shirlei Santos. Todos sorriem.

Em comemoração ao dia 21 de Setembro de 2016, Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência, a Rádio WEB Gira conversou com a então candidata à vereadora de Salvador/BA pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB/BA), Cristina Gonçalves, cientista social, atriz e ativista dos movimentos de mulheres e das pessoas com deficiência. Cristina Gonçalves abordou as barreiras e os desafios da inserção das pessoas com deficiência nos processos e disputas da política formal.

A entrevista aconteceu no horário do almoço, às 12h30min do dia 22 de Setembro de 2016 na residência da candidata no bairro de Brotas, em Salvador. Fomos recepcionados pelo companheiro e assessores de Cristina Gonçalves. A entrevista foi realizada no quarto do filho da candidata, pois ali, segundo ela, seria “*mais silencioso*”.

**Rádio WEB Gira:** Cristina, conte-nos um pouco de sua trajetória, como você chegou na militância?

**Cristina Gonçalves:** Bom, eu comecei na militância assim, tudo se emparelhou muito, porque assim que eu passei na UFBA para fazer Ciências Sociais, três meses depois eu perdi a minha visão. E então foi todo aquele estágio de tristeza e de luto. Depois fui para o Instituto dos Cegos, mas comecei a ver que a forma como a gente era tratada não era do jeito que eu queria. Eu não morri porque passei a ser uma pessoa com deficiência. Eu entrei mesmo na militância quando a gente começou a pensar a Associação Baiana de Cegos. Nos reunimos, eu e alguns outros colegas e companheiros, e aí surgiu a ideia da associação. A Associação Baiana de Cegos foi fundada e eu me afastei do movimento, porque nesse meio tempo eu voltei para a universidade, engravidei, casei, e aí as coisas foram meio que rolando... Eu levei um tempo bom afastada do movimento. Só que chegou uma hora que aquilo gritava muito alto em mim. Eu não queria mais ser só aquilo, eu não queria ser uma pessoa estudiosa de uma doutrina, mãe... Aquilo já não me satisfazia. Não satisfazia algo dentro de mim. Então eu conheci o Manoel Lopes Pontes e a Maria Luiza Câmara que me levaram para o projeto *Todos ao Teatro*, do Teatro Castro Alves. E então ali fomos fazer uma peça em

<sup>1</sup> Link da entrevista na Rádio WEB Gira: <[http://generoesexualidade.ffch.ufba.br/?attachment\\_id=893](http://generoesexualidade.ffch.ufba.br/?attachment_id=893)>. Rádio WEB Gira: <<http://cidadaniaeusou.ufba.br/>>



comemoração ao Dia de Luta das Pessoas com Deficiência, que inclusive foi ontem, e lá as coisas foram surgindo e acontecendo na minha vida como uma grande avalanche.

Eu me apaixonei pelo teatro, porque naquela época eu ainda não fazia teatro. Hoje eu já tenho 12 anos de teatro! Ai eu comecei a entender que a cultura não era favorável para todos. Nós como atores, porque se nós tínhamos feito um curso de teatro nós éramos atores, mas a gente não era reconhecido como atores. Porque quando se via atores cegos o que acontecia? Era aquele olhar de assistencialismo, e esse olhar era tudo que nós não queríamos.

Em 2011 eu comecei a participar da Conferência [de Cultura]<sup>2</sup>. Fui para a conferência municipal, fui eleita para a conferência estadual. Fui a primeira delegada com deficiência do estado da Bahia. A partir daí, dessa atuação e também dessa conquista da época, é que vi claramente a postura equivocada da elite cultural do nosso estado sobre a pessoa com deficiência. Era inexistente a política de cultura inclusiva, qualquer que fosse, voltada para a pessoa com deficiência. Foi assim que comecei na militância forte mesmo pela cultura. E a gente sabe que as pessoas ainda não encaram a cultura como um direito humano. E a gente vê que uma coisa leva a outra, eu era uma mulher, negra, eu estava no movimento... E a mim falta muitas outras coisas, eu continuo a ser uma mulher, e naquela época eu continuava a ser uma pessoa com deficiência... Então eu tinha que agregar valor a essa cultura, porque as pessoas têm identidade. Como diz Vilma Reis: “*identidade, nome e sobrenome*”, entendeu?

**Rádio WEB Gira:** Gostaríamos de te perguntar sobre teatro e acessibilidade. Participamos da Comissão de Acessibilidade do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 em 2013 sob a coordenação da pesquisadora Anahi Guedes de Mello. Novamente assumimos esse desafio para a próxima edição do evento que ocorrerá em 2017 juntamente com o 13º Congresso Mundos de Mulheres. Tivemos uma dificuldade enorme de implementação dos princípios do Desenho Universal na universidade. Quais as principais barreiras enfrentadas hoje pelas pessoas com deficiência na sociedade?

**Cristina Gonçalves:** A principal barreira é a falta de acessibilidade. Primeiro porque a sociedade tem uma visão de acessibilidade voltada para pista tátil e rampa. E acessibilidade é muito além disso! Contabilizadas hoje, oficialmente, nós temos oito dimensões de acessibilidade. Comunicacional, ergométrica, atitudinal, etc. E o que acontece? Hoje para mim as três principais faltas de acessibilidade que nós temos são a arquitetônica, a atitudinal e a comunicacional. Se eu cega vou ao teatro, eu ouço. Mas tem cenas que não tem fala, então eu fico excluída. O teatro não possui audiodescrição. Se eu chego junto de uma pessoa, de um amigo, seja lá quem for, e pergunto o que está acontecendo logo ouço todo mundo “*shhh, shhh, shhh*”, pedindo silêncio. Lógico! Mas aí, entra o fato de que alguém está fora do contexto, e esse alguém sou eu, que no caso, sou cega. Se você levar um surdo para esse mesmo ambiente, ele vai sofrer a mesma questão. É a dimensão comunicacional da falta de acessibilidade, porque ele vai entender de alguma forma a história, mas ele não sabe o que está se passando realmente, o que estão falando.

Além da comunicacional temos outra barreira que para mim é a principal: a atitudinal. Na realidade uma barreira é ligada a outra. É necessário que o gestor daquele teatro tenha a atitude de entender que todo teatro tem que ter acesso para todos. Porque a cultura não é só cultura, é emancipação social. A cultura, ela não faz só parte de um contexto de alguns, nós todos, nesse momento, estamos fazendo cultura. Nesse momento você está tendo acesso a uma cultura que você não tem, que é a cultura de uma pessoa com deficiência, entendeu? Uma identidade cultural que nos faz ser atores, músicos, artistas plásticos... Tenho um amigo que é cego e é artista plástico, tem quadros expostos no Canadá, e aí? Ele deixa de ser artista por ser deficiente visual? O talento dele se constrange ou se omite por ele ser deficiente visual? Não. Então falta a atitude até mesmo para que a dimensão da acessibilidade arquitetônica esteja presente, que é por exemplo a necessidade de se ter rampas de acesso, tanto no teatro como no entorno. E, melhor ainda, a gente precisa ter camarins acessíveis! Porque os artistas com deficiência estão gritando por todas as partes. Então eu acho que a falta de atitude é a principal barreira que vivemos hoje.

**Rádio WEB Gira:** Existe hoje nas teorias sociais, e você fez Ciências Sociais, dois grandes modelos para se pensar a deficiência. Um é o modelo biomédico. Outro é o modelo social da deficiência, que vai focar nessas barreiras (que de biológicas ou naturais, não tem nada!). A partir do modelo social entendemos que essas são barreiras fundadas na exclusão e no preconceito. Quando a gente fala em desenho universal falamos do teatro, de um bem cultural, mas a gente fala também de nossas aulas. Nós temos que produzir aulas que sejam acessíveis para todas e todos. A acessibilidade não é um “*privilégio*” para incluir pessoas com deficiência. A acessibilidade é um princípio que deve guiar as nossas relações sociais e práticas cotidianas. Em relação ao teatro acessível, que é novo no Brasil, que contribuições trouxe para esse campo? Como você acha que os princípios de acessibilidade vão se enraizar na cultura brasileira?

**Cristina Gonçalves:** Eu acho que isso vai se enraizar com o principal agente que é o ator com deficiência. Enquanto ele não sair e não dizer “*eu estou aqui*”, nada vai mudar. Você tem uma visão biomédica onde as pessoas dizem que a deficiência modela, aquela mesma história! Mas tudo isso vai cair na vala do assistencialismo! Você tem uma visão social que fala da pessoa com deficiência como um ser integrante da sociedade, mas que não é verdade, já que na sociedade impera a invisibilidade. Eu me entristeci muito antes de ontem em um seminário na UFBA que apresentou resultados de uma pesquisa sociológica sobre a participação política de vários grupos excluídos que nós deficientes não estávamos relacionados. Na UFBA existem inúmeras pessoas com deficiência, inclusive há uma comissão de acessibilidade dentro da universidade. Inúmeras pessoas que fazem cursos variados são pessoas com deficiência. Então você vem me falar de estudo ou de uma corrente social? Balela, história... Muito bacana para você fazer um estudo. Eu, jamais seria contra o conhecimento, como já falei com Bárbara e Shirlei lá no evento. Eu não estou sendo contra a graduação, eu não estou sendo contra os estudos acadêmicos, mas está na hora de alinhar os estudos acadêmicos com a realidade, com a vida lá

<sup>2</sup> No blog institucional da conferência há uma postagem que afirma: “*Cristina Gonçalves tem deficiência visual e representa o movimento das pessoas com deficiência durante a IV Conferência Estadual de Cultura pela Associação para Inclusão à Comunicação, Cultura e Arte (ARCCA). ‘Os artistas deficientes precisam conquistar seus espaços para difundir sua produção criativa’, declarou Cristina.*”. Disponível em: < <https://conferenciadecultura.wordpress.com/2011/12/02/eu-nao-quero-ser-invisivel/> >. Acesso em 08/12/2016.



fora. Porque esses jovens vão sair, essas pessoas vão sair dessa universidade e vão se defrontar com uma realidade. Eles vivem num conto de fadas! Eu, quando entrei na universidade, foi um choque muito grande. Eu criei uma ideia maravilhosa que a universidade ia abrir todas as portas, ia abrir a minha mente, ia abrir tudo... Não abriu nada! Porque eu vi uma universidade que me enchia muito de conteúdo, mas esse conteúdo não assemelhava com a realidade, ou pelo menos com a minha realidade. Porque, pense você, na década de 1980, 1986 foi o ano que perdi minha visão, eu tinha algum livro em braile? Vocês sabem que um livro de ciências sociais derruba tese, que derruba tese, que derruba tese... Lá vem autor, que corre atrás do outro autor... Um livro, por exemplo de sociologia, digamos que um livro normal tenha três centímetros de espessura, o nosso tinha doze! E você acompanhar isso, e lutar... Para que as pessoas te vissem como uma estudante, que você tivesse a possibilidade de entendimento, de você estar ali aberto ao conhecimento e eu amo, eu amo explorar o conhecimento, adoro, entendeu? Você percebe que em 1980, 1990, 2000, 2016 as coisas não mudaram muito. O que prepondera? A invisibilidade. E aí, a gente fala em representação e eu achei muito interessante quando veio aquele estudo do seminário que mencionei acima que trabalhou os conceitos de representação e de minoria. Nós somos uma minoria que não existe, mas que transversaliza. E eles fizeram a pesquisa com mulheres, negros, LGBT's, indígenas, mas nós deficientes transversalizamos.

**Rádio WEB Gira:** Vamos falar um pouco da sua campanha política. Você está nesse momento candidata à vereadora em Salvador. Estamos com o seu panfleto nas mãos, Cristina Gonçalves - 40044. O tema da sua campanha é “*Feliz Cidadania*”, porque esse tema Cristina?

**Cristina Gonçalves:** Porque todos nós merecemos ser cidadãos mais felizes, numa cidade de mentira. Outro dia eu ouvi o prefeito atual dizendo que ele tinha visitado uma cidade de plástico. Salvador inteira é uma cidade de plástico! O que significa uma cidade de plástico? Que ela é mutável! Você muda de acordo com a sua vontade. Enquanto a cidade existe, as pessoas continuam não tendo condições de moradia decente, moram juntos com ratos, com esgoto, com animais. Você vive numa cidade de plástico onde a baianidade, eu não gosto muito dessa palavra que escraviza principalmente a mulher baiana, é uma coisa que explode, é como se fosse só alegria, só felicidade e não é isso. Nós precisamos ser felizes, mas felizes como cidadãos conscientes de quem nós somos.

**Rádio WEB Gira:** Você está candidata pelo PSB. Por que a escolha desse partido? É a sua primeira candidatura?

**Cristina Gonçalves:** Sim. É a minha primeira candidatura. Eu relutei bastante antes de aceitar sair para candidata à vereadora. Eu trabalhei dois anos como assessora da Deputada Fabíola Mansur (PSB/BA), na época vereadora. Eu trabalhei muito e percebi que aquela câmara foi uma das piores câmaras de vereadores que nós tivemos nos últimos anos. Porque a mediocridade impera e eu ficava muitas vezes lá ouvindo aquelas coisas. Então eu relutei muito. Eu gosto da articulação, gosto do debate, eu gosto de ir para as audiências públicas e você dizer que está ali e pontuar suas questões. Nós estamos cansados de só ouvir, nós queremos falar! Nós queremos ser cidadãos plenos! A frase “*felicidadania*” é de uma música do Caetano Veloso. É a última frase de *Outras Palavras*. Nós precisamos de uma outra cidade, de uma cidade mais humana, uma cidade para todos, que seja de todos literalmente.

Você sabe quantas pessoas com deficiência nós temos em Salvador? O último censo apontou 449 mil pessoas com deficiência. Não tem como jogar isso para debaixo do tapete. Eu me lembro de um vereador que um dia disse para mim todo feliz e sorridente, “*estamos trabalhando na inclusão! 30 quilômetros de acessibilidade*”. Aí eu disse: “*pois é vereador, mas eu não vivo em gueto, com 30 quilômetros de acessibilidade eu não sairia nem do meu bairro*”. Eu não vivo em guetos. Eu vivo numa cidade declarada para todos. É assim a declaração da ONU, entendeu? Na época da eleição todo mundo é muito bacana, né? Tirar foto com ceguinho, com cadeirante, com surdo, com uma criança com uma deficiência intelectual... Logo ele abraça, depois procura associações, naquele momento o que a associação estiver precisando eles dão. E aí quando eles ganham batem a porta do gabinete, nem abrem para nos atender. Então o movimento de pessoas com deficiência resolveu que sairia uma pessoa como candidata. Uma pessoa que fosse do movimento, que fosse realmente uma pessoa que atuasse aqui em Salvador pela inclusão da pessoa com deficiência. Tem sempre as pessoas que desviam desse caminho, tanto que têm algumas outras candidaturas que tentamos unificar, mas infelizmente é humano. É válido e normal as pessoas quererem sair como candidatas, faz parte da cidadania. Mas o movimento das pessoas com deficiência escolheu a mim para que eu sáísse. Relutei tanto! Primeiro eu ia ,depois não ia e o pessoal me disse “ *você tá fazendo é doce*”. Eu disse que não era, realmente era o impacto de você ser pedra e virar vidraça. Será que é isso mesmo que eu queria? Ser vidraça? Mas como eu não sou de fugir dos desafios eu disse que iria encarar e estou aqui.

Eu escolhi o PSB por dois motivos. Primeiro porque é o partido de Lídice da Mata (PSB/BA) que é uma pessoa que eu acompanhei na minha adolescência. Quando ela era prefeita eu vi o quanto ela foi massacrada. É também o partido de Fabíola Mansur. Aí eu comecei a ir para as reuniões do PSB e vi que realmente era um partido socialista. Dentro do PSB a gente tem uma Coordenação LGBT, uma Coordenação de Mulheres, uma Coordenação de Pessoas com Deficiência, ou seja, pelo menos o esboço do partido faz a gente pensar numa sociedade como um todo e eu gostei disso. O que eu gosto, realmente, e o que eu quero, é uma cidade que pense em todos.

**Rádio WEB Gira:** Gostaríamos de pontuar o nome de Anahi Guedes de Mello, de quem o GIRA é muito grato por ter nos formado nesse tema. É também o fato de que um dos entrevistadores, Felipe Fernandes, é filho de uma pessoa com deficiência, que teve poliomielite aos 12 anos e que nunca se percebeu como um sujeito político a partir da deficiência. O que você pode dizer para as novas gerações de pessoas com deficiência que estão agora entrando na universidade? Que mensagens você deixa para essa nova geração para que eles possam se perceber como sujeitos políticos e não caírem nas amarras do capacitismo?

**Cristina Gonçalves:** Primeiro eu quero mandar um grande beijo para a Anahi! Ai, que criatura maravilhosa! Fizemos na última conferência muito barulho. Na 4ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, em abril de 2016, lá em Brasília. Foi muito bom estar com a Anahi, que é uma grande figura, uma grande guerreira, uma grande militante da causa da mulher com deficiência, uma pessoa incrível. O meu afeto por ela é imenso!

A primeira coisa que eu diria aos jovens com deficiência, porque eu tenho 53 anos, mas às vezes eu me pergunto a minha idade, sabe que eu esqueço? Eu acho que tenho um espírito adolescente [risos]. Então, eu tenho alguns *garotos*





*pimentinhas*, o Marquinho, o Douglas, que são meninos com deficiência que tenho tentado resgatar para a vida da militância. Mas o que eu diria é o seguinte, ser pessoa com deficiência não é fácil! Você falou do seu pai. Eu passei pelas mesmas coisas. A minha família a princípio não aceitou meu marido. Tenho 30 anos de casada com o mesmo marido, entendeu? Brigamos, mas somos casados. Somos parceiros. Nossa primeira filha está hoje com 26 anos. A minha família ficou em polvorosa quando eu disse que estava grávida de Ícaro. Foi uma dupla em polvorosa: “*por que que você quer mais filho, já não basta ter um?*”, ao passo que respondi que “*isso era uma escolha minha!*”.

A sociedade prima em tolher a pessoa com deficiência dos seus direitos. Hoje está um pouco mais fácil, porque vocês podem perceber muito mais pessoas com deficiência nas ruas, não é verdade? Você vê muito mais pessoas com deficiência nas ruas. Elas estão vendo que ser deficiente não é ser uma aberração, não é você ser um ogro, não é você ser um bicho de outro planeta. Você é uma pessoa com uma deficiência. Eu sempre falo isso nas minhas falas, eu não sou deficiente, eu sou uma pessoa com deficiência, que no caso é uma cegueira, entendeu? É uma cegueira. Então eu sou uma pessoa com deficiência. Isso não me transforma em uma pessoa “deficiente”. E o que transforma a pessoa em deficiente? É quando ela não é estimulada, quando ela não tem acesso à escola, é quando ela não tem acesso aos seus direitos, é quando ela não sabe gritar pelo que é seu, é quando ela não sabe que pode ir a uma praia, a um cinema, a um teatro. É isso que as torna deficientes. Não é o seu enquadramento físico ou intelectual. É a falta do acesso, da capacitação, de toda a nomenclatura que você quiser usar, isso o torna um deficiente.

Eu sou do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência (COEDE/BA). Eu sempre relato isso porque foi um dos piores momentos da minha vida. Foi quando eu conheci um garoto de 22 anos com paralisia cerebral. Ele não caminha, anda no ombro. No caso ele conseguia andar num carrinho de bebê, não sei como. Mora com a tia, pois a mãe tinha morrido há três meses, na época. Ele engoliu todos os dentes. É muito cansativo. Tem hora que dá vontade de você jogar a toalha. “*Não quero mais saber*”. Mas quando você vê um garoto daquele sem nunca ter ido a um neurologista, sem acesso a um BPC<sup>3</sup>, sem acesso a nada! Nessa hora você diz, “*eu não tenho esse direito, eu tenho acesso a tudo!*”. Então não adianta eu ser só deficiente e ter acesso à universidade ou ter acesso a tudo que qualquer outra pessoa pode ter. Eu tenho que reproduzir isso para o outro! Olhar o outro com o olhar de amor, de solidariedade! Entender que aquele outro pode não ter tudo o que você tem. Isso não é só financeiramente ou plasticamente, ou como seja. É ser naquilo que o ser humano tem de melhor, é ser humano. E a gente não compreendeu isso ainda. As vezes sou muito assim, dura nas minhas palavras, mas é que elas saem mesmo sem eu querer, sabe? Então eu peço, porque sei que essa entrevista vai veicular por toda a UFBA, que vocês mostrem que a deficiência é muito triste, principalmente quando você vê um garoto de 13 anos, cego, que nunca teve nenhum estímulo, ou melhor, que o único estímulo que ele tem é o estímulo auditivo, pois vive sentado dentro de um caixote de madeira e ele já apresenta sintomas de autismo severo, ele vai para frente e para trás, porque ele não tem estímulo. Hoje ele está com 16 anos e tem múltiplas deficiências, inclusive deficiência intelectual, por falta de estímulo. Por falta de dizer a ele que “*você pode!*”. Então eu acho que cada pessoa com deficiência, que tem a possibilidade de ocupar os espaços, tem que dividir esse espaço com o

outro, ela tem que dizer “*você pode*”, venha porque “*você pode*”. Porque somos todos iguais, não existe diferenças. Somos todos iguais dentro das nossas capacidades, somos diferentes talvez esteticamente, talvez intelectualmente, mas somos todos humanos, dentro do seu padrão, dentro de sua vida, do seu contexto. Somos todos humanos.

**Rádio WEB Gira:** Para a gente concluir a nossa entrevista, qual a importância da participação das pessoas com deficiência na política formal no Brasil?

**Cristina Gonçalves:** A importância é toda. Minha vovózinha que morreu com 89 anos dizia que “*quem não é visto, não é desejado*”. Filósofa, né? Eu sempre digo o seguinte: quando meu diretor Edielson de Deus foi conversar com a gente que ele pretendia fazer um projeto na escola de teatro da UFBA, ele conversando comigo como coordenadora do grupo e eu olhava para ele durante a conversa e ele não entendia porque uma pessoa cega olhava. Aí eu disse para ele que eu poderia passar a minha vida inteira lhe dizendo o que é ser uma pessoa cega e ele nunca entenderia, porque ele não vive, não vivência uma deficiência. Então por melhor que seja a intenção que os políticos tenham, porque a gente não tem só políticos ladrões e marginais, nós também temos pessoas decentes, mas que nunca vão entender o que é ser uma pessoa com deficiência. Olham para você e dizem assim: “*ah é cega, deixar passar, deixar passar que é cega*”. E você sabe que a sua cegueira é uma questão física e não intelectual. Não é uma questão de entendimento. Uma pessoa que não é deficiente nunca vai entender o que é um motorista de ônibus dizer a um cadeirante, quando ele pede para abrir a porta adaptada, que “*o carro do lixo vem aí atrás*”. Então só quem passa de fato é quem vive. Mas eu fico muito feliz de uma coisa, sabe o que? Eu vejo três jovens lindos aqui na frente sensibilizados e que vão ser agentes multiplicadores dessa boa nova, que é o entendimento! Eu sempre falo nas minhas entrevistas e nas minhas facilitações que eu não sou praticante, sou conversadeira. Eu sempre digo que não é necessário que 50% da população brasileira seja deficiente para que os outros 50% possam entender quais são os direitos das pessoas com deficiência ou quais são os direitos das minorias. Porque, assim, a gente ia ter que ter 50% de gays para que os outros 50% entendam o que é ser gay. Teríamos que ter 50% de mulher, ou melhor, somos mais que 54% da população brasileira e ainda não somos entendidas! A população baiana de mulheres com deficiência é, em sua maioria esmagadora, composta por mulheres negras e pobres, e que não se vêem como mulheres porque não têm acesso aos bens de direitos ou aos bens humanos que retratam a mulher de forma igualitária. O que vemos são as retratações que dizem que “*você não pode*”.

Eu acho que a maior riqueza que a gente tem hoje, nesse século XXI, é o conhecimento. As pessoas ainda acham que é o dinheiro. Não é! É o conhecimento. Que já está bem avançado em relação a outras tantas riquezas, como as tecnológicas. Mas mesmo assim eu continuo dizendo que é o conhecimento. Porque o conhecimento lhe liberta! Eu hoje sou uma mulher liberta! Porque eu fiquei com os meus filhos o tempo que tinha que ficar, na hora que tive de abortá-los para partir para uma vida cidadã, eu o fiz! E digo aos meus filhos e ao meu marido que eu os amo, mas hoje o mote da minha vida é o movimento social, é o movimento cidadão, e que assim seja! E eu sou assim, vou atrás daquilo que acredito e quero.

3 Refere-se ao Benefício da Prestação Continuada, principal política de proteção social para pessoas com deficiência e que contempla também as pessoas idosas, baseada na transferência de renda no valor de 1 (um) salário mínimo pelo governo federal a esses segmentos.



Uma coisa que tem me deixado extremamente feliz e que nunca imaginei que a minha campanha fosse trazer, foi a reverberação da minha atuação na militância social do estado da Bahia. Hoje eu não sei se vou ganhar ou perder as eleições. Eu sempre digo assim, “*ô Deus, se for melhor para mim vai, se não for me deixe*”. Então não sei se vou ganhar ou perder, mas com certeza eu saio ganhadora do reconhecimento de uma militância que com certeza vai me deixar muito mais forte. Você vai ouvir falar de mim como uma mulher muito mais aguerrida, muito mais transversalizada. Porque mais do que nunca eu entendo que o lugar da mulher é onde ela quiser! Mas o meu, vai avante disso!

**Rádio WEB Gira:** Muito obrigado! Nossa entrevista foi para além da campanha em si. Essa entrevista foi feita para o Observatório Feminista da Política e busca reafirmar o nosso compromisso com as pessoas com deficiência, com a acessibilidade. E não é o compromisso de pessoas de fora, é um compromisso que estrutura nosso pensamento e as nossas práticas.

**Cristina Gonçalves:** Eu agradeço a vocês a oportunidade de estar aqui. Eu adoro estar com jovens. Eu acho vocês sensacionais e peço a vocês que procurem lá na UFBA o Evangel Vale, o Ednilson Sacramento, a Priscila Isabel, e outros e outras que estão lá. Que entrem nessa luta da acessibilidade na UFBA. Porque, eu estou querendo fazer vestibular no ano que vem e se eu for, a gente vai juntar e pegar fogo naquela universidade e eu vou precisar de soldados [risos].

## APOIO

